



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,**

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**DESAFIOS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA: ESTRATÉGIAS  
PARA A INCLUSÃO**

**DANIEL DA SILVA CAMPOS**

**ORIENTADORA: SUELI DE SOUZA DIAS**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**DANIEL DA SILVA CAMPOS**

## **DESAFIOS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA: ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Sueli de Souza Dias

BRASÍLIA/2015



## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**DANIEL DA SILVA CAMPOS**

### **DESAFIOS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA: ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

SUELI DE SOUZA DIAS (Orientadora)

---

ANA PAULA CARLUCCI (Examinador)

---

DANIEL DA SILVA CAMPOS (Cursista)

BRASÍLIA/2015

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a minha orientadora Dra.Sueli Souza Dias que me ajudou muito e que agradeço por toda a sua dedicação e paciência.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer também aos meus amigos de graduação que me incentivaram a dar continuidade nos meus estudos. A minha mãe que sempre me incentivou na minha vida estudantil. Não esqueço de agradecer também a universidade aberta de Brasília que me proporcionou a oportunidade de cursar essa especialização que era meu sonho antigo. Agradeço ainda a todos que eu não estou lembrando neste momento, mas que foram essenciais para o meu sucesso.

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema os desafios da escola contemporânea: estratégias para inclusão. A escolha do assunto deu-se pela dificuldade por parte dos estudantes com deficiência visual em se habituar ao seu ambiente de aprendizado. O objetivo do trabalho foi estudar as concepções de um estudante com baixa visão. A metodologia utilizada foi a qualitativa e o principal instrumento de pesquisa foi a entrevista semiestruturada, associada a observações do contexto. O participante foi um aluno com diagnóstico de baixa visão, estudante do terceiro ano do Ensino Médio. O pesquisador colocou-se também como participante da pesquisa, visto que trabalha no contexto pesquisado e, além disso, de acordo com os pressupostos da metodologia empregada, pesquisador e participante constroem juntos os dados da pesquisa. Os resultados demonstraram vários desafios, mas também possibilidades e movimentação da escola no sentido de construir-se como uma escola verdadeiramente inclusivas.

**Palavras-Chave:** inclusão escolar, Ensino Médio, história das deficiências, desenvolvimento humano

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	v
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	vi
<b>RESUMO</b> .....	vii
<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	13
<b>2.1 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE DEFICIÊNCIAS</b> .....	13
<b>2.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO À LUZ DA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL</b> .....	18
<b>2.3 INCLUSÃO ESCOLAR E SEUS DESAFIOS</b> .....	19
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	22
<b>3.1 Objetivos geral:</b> .....	22
<b>3.2 Objetivos específicos:</b> .....	22
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	23
<b>4.1 POR QUE PESQUISAR?</b> .....	23
<b>4.2 POR QUE USAR A PESQUISA QUALITATIVA?</b> .....	23
<b>4.3 CONTEXTO DA PESQUISA</b> .....	23
<b>4.4 PARTICIPANTES</b> .....	24
<b>4.5 MATERIAIS</b> .....	24
<b>4.6 INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS</b> .....	24
<b>4.7 PROCEDIMENTOS DE CONTRUÇÃO DE DADOS</b> .....	24
<b>4.8 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	25
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	26
<b>5.1 CONCEPÇÕES SOBRE A INCLUSÃO</b> .....	26
<b>5.2 INDICADORES DE INCLUSÃO</b> .....	27
<b>5.3 DIFICULDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO</b> .....	28
<b>5.4 ALTERNATIVAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO</b> .....	30
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERENCIAS</b> .....	34
<b>APÊNDICES</b> .....	38
<b>A - Roteiro de entrevista semiestruturada</b> .....	38
<b>ANEXOS</b> .....	39
<b>A - Aceite Institucional</b> .....	39

<b>B - Carta de Apresentação.....</b>	<b>40</b>
<b>C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>41</b>

## **1 APRESENTAÇÃO**

Com o avanço das tecnologias relacionadas à saúde, educação, comunicação social, trabalho, dentre outras, além das intensas discussões no campo dos direitos humanos, já não se pode ignorar a necessidade premente de reorganização dos métodos educacionais e eliminação de barreiras físicas e atitudinais no contexto escolar. Assim, o tema central desta monografia consiste na discussão acerca dos desafios enfrentados pela escola contemporânea e as estratégias construídas para o avanço do processo de inclusão. O nosso interesse principal é analisar o processo de inclusão no Ensino Médio em uma escola da cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre, com foco em um estudo de caso sobre as concepções de um aluno com diagnóstico de baixa visão. Julgamos que seja este um tema relevante e atual, visto que hoje vivemos em uma sociedade bastante diferente de alguns anos atrás, necessitando, assim, reflexões constantes acerca do processo educativo, especialmente no que diz respeito às pessoas que apresentam singularidades em seu processo de desenvolvimento, como no caso das deficiências.

Consideramos, por diferentes motivos, a inclusão social e, de forma mais específica, aquela que se dá no campo educacional, como um dos pontos mais significativos em discussão, hoje em dia, em nossa sociedade, seja pela qualidade das ações desenvolvidas em alguns setores, seja pelos impasses próprios de um processo de transição de paradigmas. Destacamos aqui algumas dificuldades que devem ser consideradas nesta discussão: a primeira delas diz respeito aos obstáculos e à descrença evidenciada por parte da sociedade quanto à aceitação de pessoas que apresentam diferenças significativas, seja nos modos de agir, na aparência física, no funcionamento cognitivo ou sensorial. A segunda dificuldade diz respeito à crença ainda existente de que o ideal seria a convivência restrita, ou segregada, de pessoas com deficiência com outras com as mesmas características, a exemplo do que ainda acontece em algumas instituições, inclusive as educacionais. Essas posições precisam ser suplantadas para que ocorra, de fato, a almejada inclusão.

A escolha da temática advém da experiência profissional do pesquisador, que desde os 18 anos atua em contexto educacional e, atualmente, dá aulas de sociologia e leciona, também, língua inglesa e portuguesa. A motivação por conhecer um pouco mais sobre o universo das deficiências surgiu mesmo antes de terminar a graduação em

Letras, época em que já pensava em fazer uma especialização na área de inclusão. Em todos esses anos de atuação foi possível adquirir muita experiência profissional, em todos os sentidos, inclusive com alunos com deficiência. No contexto educacional é possível observar a existência de atitudes diferenciadas, que muitas vezes podem ser classificadas como preconceitos para com os alunos com deficiência, tema caro aos estudos sociológicos, ligados à questão da exclusão e dos estigmas. Assim, o tema da monografia se constituiu com forte influência da Sociologia, que se constitui como uma disciplina essencial para que os estudantes sejam mais críticos diante de uma sociedade cheia de contradições, as quais direcionam os rumos históricos de uma coletividade e dos indivíduos que a compõem. (CAMARGO, 2015)

É importante considerar que as concepções acerca de estudantes com deficiência são modificadas de acordo com os valores sociais, morais, filosóficos, éticos e religiosos adotados pelas diferentes culturas em diferentes momentos históricos. Desta forma, o preconceito relacionado à deficiência, embora muitas vezes apareça com outra configuração, ainda ocorre nos tempos atuais, sendo relevante conhecer o percurso histórico desse grupo.

Devemos ter clareza de que historicamente a escola se caracterizou por uma visão de educação que delimitava a escolarização como privilégio de um grupo. Tal fato se caracterizou como um processo de exclusão que foi legitimado nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. Consideramos terem sido as pessoas com algum tipo de necessidade educacional especial, aquelas que mais tenham tido desvantagens em todo esse contexto. Contudo, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007) ao retratar as dificuldades existentes no sistema educacional, possibilita um avanço significativo nos modos de conceber uma educação que atenda a todos os alunos dentro da especificidade do processo de desenvolvimento de cada um (DUTRA et al, 2008).

Consideramos importante que se aprofunde cada vez mais nesse tema e se busque respostas referentes ao contexto atual da inclusão nas escolas, ao mesmo tempo em se proponha estratégias úteis ao aprendizado dos alunos com deficiência, seja dentro da sala de aula, seja em ambientes externos a ela. É necessário, ainda, que se ampliem as discussões e que se dê visibilidades às alternativas existentes para que todos se

sintam incluídos na nossa sociedade, independentemente das singularidades que apresentam em seu processo de desenvolvimento.

O texto da monografia está dividido em quatro partes, a saber: (1) Fundamentação teórica, na qual discutimos as concepções históricas sobre a deficiência, desenvolvimento humano à luz da perspectiva histórico cultural, a inclusão escolar e seus desafios e o papel do professor no processo de inclusão escolar. (2) Metodologia, na qual descrevemos como foram construídas as informações da pesquisa, apresentando o contexto e o participante. (3) Resultados e discussão, espaço no qual destacamos trechos da fala do participante, considerados por nós, de relevância para os objetivos da pesquisa. Esses destaques sofreram processo de análise, que resultaram algumas sugestões de como trabalhar com os deficientes visuais a partir da realidade existente. (4) Finalizando, nas Considerações finais há um resumo das partes mais relevantes da monografia e são apresentadas as concepções do pesquisador depois da experiência de fazer uma pesquisa com um estudante com deficiência visual.

Com esta pesquisa esperamos contribuir com o processo docente, especialmente na cidade de Cruzeiro do Sul, local em que o pesquisador atua profissionalmente, e de onde parte a motivação para o estudo.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE DEFICIÊNCIAS**

Buscaremos nesta seção proceder a um apanhado histórico que nos permita compreender criticamente o avanço social e educacional conquistado pelas pessoas com deficiências e as dificuldades ainda enfrentadas.

Ao longo da história ocidental pessoas com de deficiência de ordem física, intelectual, sensorial ou de outra natureza, comumente tiveram seu nível de participação social mediado pelo estigma, quando comparadas à média da população com a qual conviviam. Para Machado e Dorneles (2007, p. 120), “o estigmatizado é aquele que é considerado fora das normas, quer dizer: dos parâmetros/ das regras estabelecidas, ou seja, aquele que não está integrado, mas também não é, sumariamente, excluído da sociedade. Ele vive na liminaridade”. Mas é importante destacar que a condição estigmatizada, muitas vezes atribuída à deficiência, não é uma condição inerente à pessoa ou à deficiência em si, mas é uma concepção gerada em determinados valores sociais de algumas culturas (RIBAS, 1983).

Esse tipo de mediação acarretou relações discriminatórias de diversos modos, a depender do momento histórico e cultural em questão. Pessoas com deficiência tiveram que enfrentar situações de abandono, morte, privação, humilhação, exclusão dos círculos sociais. Muitas das concepções que levaram à essas vivências foram decorrentes de desinformações sobre processos de desenvolvimento humano, possibilidades de aprendizagem e condições de saúde.

Nessa perspectiva, é importante compreendermos as diversas idéias na evolução histórica do conceito de deficiência, pois elas são "...como raízes, por vezes seculares, de cuja seiva se nutrem os preconceitos e os conceitos de hoje, nesse campo" (PESSOTTI, 1984, p. 206). Ao conhecermos o processo histórico e as idéias que embasavam determinadas práticas, fica mais fácil perceber as dificuldades ainda enfrentadas pelas pessoas com algum tipo de necessidade educacional especial tanto no contexto educacional brasileiro, como no contexto social mais amplo. Não queremos, de forma nenhuma, fazer aqui um julgamento histórico, pois em cada época os diferentes

povos têm sua própria maneira de ver o mundo e proceder diante das circunstâncias sob as quais vivem.

Na Idade Antiga, tanto na Grécia, quanto em Roma era comum o extermínio de crianças com deficiência (SILVA, 1987; PESSOTTI, 1984). As crianças eram descartadas em razão de se desconhecer o significado daquela deficiência, por um certo medo de ser aquele ser um anúncio de maus presságios ou, ainda, por não serem úteis aos interesses daquelas sociedades, seja por não serem consideradas belas, seja por não serem consideradas fortes, capazes de guerrear e participar de grandes conquistas territoriais.

Também no período da Idade Média, por exemplo, pessoas com deficiência mental – termo por muito tempo utilizado ao seu equivalente, hoje, deficiência intelectual – ou aquelas pessoas consideradas loucas, eram muitas vezes rotuladas como possuídas por demônios. Quando não eram expulsas do convívio social, eram literalmente mortas, e, muitas vezes, na fogueira. Também crianças que nasciam com outros tipos de deficiências não tinham melhor sorte, pois acreditava-se que elas eram frutos de pecados cometidos por suas famílias ou por seus ancestrais. As famílias, então, sofriam chacotas e discriminações e, em consequência dessas crenças, crianças eram abandonadas ou mortas, muitas vezes pela própria família, e com aquiescência da comunidade e do Estado (COSTA, 2011; PESSOTTI, 1984). Também algumas doenças consideradas incapacitantes, à época, ou mutiladoras, tal como hanseníase e outras contribuíram para uma visão altamente preconceituosa e excludente de pessoas com deficiência, neste caso muito relacionada à questão física (SILVA, 1984).

Comportamentos similares já foram descritos em tribos indígenas brasileiras (GARCIA, 2011). Crianças com deficiência são muitas vezes exterminadas, seja em razão de pensamentos supersticiosos ou por não serem consideradas aptas a participarem das atividades comuns exigidas naqueles contextos, tais como caça, pesca, contínuos deslocamentos e proteção da própria tribo.

É importante ressaltar, conforme já anunciamos anteriormente, que não nos cabe julgar épocas ou culturas, até porque o faríamos com os olhos da sociedade atual, que tem necessidades próprias, informações diferenciadas, domínio tecnológico avançado e uma longa trajetória de erros e acertos, que devem ser considerados no processo de resignificação e construção de novos valores. O que pretendemos ao demonstrar

acontecimentos registrados na história é tão somente seguirmos uma linha de raciocínio que nos permita compreender a nossa atualidade educacional.

No Brasil, a própria história de nossa colonização foi marcada por relatos de preconceito, segregação, humilhação e mortes. Indígenas e negros escravos tinham que se encaixar em certos padrões de saúde, conformação física e desempenho cognitivo que permitissem a obediência plena e o cumprimento das tarefas a que eram obrigados a executar (FIGUEIRA, 2008). Assim, também em nosso país se formava uma trajetória de eleição de quem poderia viver ou ser livre baseada em comparações de características pessoais e interesses econômicos. Além disso, chegou com os colonizadores portugueses e outros europeus, séculos de história e significações sobre as deficiência e modos de lidar com as pessoas, obviamente construídas naqueles contextos da Europa, mas que eram de certa forma, impostos à Colônia.

Por volta do século XVII e XVIII o mundo ocidental começou a despertar para novas formas de ver vida. O corpo começava a ser desvendado em termos de suas funcionalidades, a mente criava novos desenhos (SILVA, 1987). Assim, o pensamento místico começava a dar lugar à racionalidade, os estudos passavam a substituir a intuição, e o desejo de explicar cientificamente os fenômenos foi abrindo portas para uma nova compreensão sobre o desenvolvimento e aprendizagem humanos. Isso, no entanto, não quer dizer que tudo estava resolvido para as pessoas com deficiência nessa época. Tratava-se apenas de prenúncio ou de uma possibilidade de novos tempos. E, desse modo, muito tempo se passou até que a nossa conhecida humanidade ocidental começasse a pensar em alternativas para pessoas com deficiências, especialmente no contexto escolar.

Com a chegada do século XX surgiram também pensamentos mais promissores em relação à educação como um todo e, em alguns aspectos, também em relação à educação de pessoas com deficiência. Mas, certamente, a ênfase nos primeiros anos estava nas questões médicas e sociais relacionadas à reabilitação. Com os nefastos acontecimentos das duas grandes guerras mundiais, na primeira metade daquele século, uma quantidade enorme de pessoas, entre soldados e população geral, passou a encontrar-se em situação de deficiência originada por mutilações ou outras circunstâncias decorrentes dos combates. Os diferentes governos tiveram que agir com avidez no sentido de proporcionar reabilitação para essas pessoas, tanto por dívida

moral, quanto por questões econômicas. Não se poderia deixar uma parcela tão grande da população ociosa e improdutiva. Assim surgiram vários serviços de saúde voltados a esse tipo de apoio às pessoas com deficiência, em sua maioria, jovens (SILVA, 1987). Foi no bojo das reabilitações, especialmente assumidas pelos serviços de saúde e de assistência social, que surgiram também as iniciativas educacionais.

No Brasil, a educação destinada aos alunos com deficiência se organizou como um atendimento que substituía a escola comum. Assim, utilizavam-se também diferentes terminologias e formas pedagógicas, o que deu origem às distintas instituições especializadas ou escolas especiais, com atendimentos que tinham como princípios o que vinha ocorrendo no sistema de saúde, ou seja, a reabilitação. Essas instituições ainda fundamentadas em conceitos de normalidade e anormalidade efetuavam atendimentos clínicos, fortemente baseados em diagnósticos e testes psicométricos (BRASIL, 2007).

Na década de 60, concomitante e decorrente da mobilização da sociedade, especialmente de pais, surgiram diversas associações voltadas à questão das pessoas com deficiência que começaram a pensar políticas públicas para esse fim. De acordo com Santos (2004), em meio àquele contexto surgiu a possibilidade de integração escolar para crianças com deficiência. Em outros países esse debate já estava mais aguçado, mas no Brasil se estabelece nas décadas de 70 e 80.

No ano de 1981 proclamou-se o Ano Internacional da Pessoa Deficiente, que foi considerado um marco importante para conquistas sociais dessas pessoas. Houve naquele momento um engajamento das próprias pessoas com deficiências que começaram a se organizar politicamente, de acordo com Figueira (2008). Aquele momento foi importante para o levantamento de um grande debate em torno de necessidades, possibilidades e direitos das pessoas com deficiência. Houve uma quebra de anonimato e o mundo começava a enxergar com outros olhos a trajetória dessas pessoas.

Em 1994, durante reunião de 92 governos, diversas organizações internacionais e outros participantes na cidade de Salamanca, na Espanha, produziu-se a Declaração de Salamanca, na qual o Brasil é um dos países que assina. Cria-se ali um marco de transição para se pensar um novo paradigma: a inclusão.

No ano de 2001 o Brasil promulgou, por meio do Decreto nº 3.956/2001, a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, mais conhecida como Convenção Guatemala. Esse foi um marco importante para a afirmação de algumas, realizada em 1999, afirma que:

As pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano. (BRASIL, 2001)

Na afirmação contida na citada convenção está implícito o direito também à educação para as pessoas com deficiência. No entanto, esta conquista foi paulatina e ainda hoje vários aspectos devem ser revistos no cotidiano das comunidades e das escolas.

Atualmente, seguindo os princípios da Declaração Mundial sobre Educação para todos (UNESCO, 1998), com base na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e acolhendo o que propões a carta soberana do país – a Constituição Federal – (CF, 1988), dentre outros documentos, busca-se efetivar a proposta de inclusão dos alunos com necessidades especiais no contexto escolar de forma que a deficiência não seja uma barreira à aprendizagem. A idéia é a de que a escola esteja aberta e preparada para atender à diversidade. Esse é um dos maiores desafios. Se por um lado a escola tem se esforçado para se adequar aos novos tempos, por outro ainda é comum observar atitude de preconceitos em relação à pessoa com deficiência auditiva, visual e mental. Em alguns momentos tal atitude é veiculada por colegas, mas na maioria das vezes a atitude preconceituosa está vinculada à própria instituição, quando, por exemplo não oferece apoio adequado para a inclusão dos estudantes especiais.

De acordo com Carvalho (2007, p. 56)

A educação inclusiva tem sido proposta para modificar a situação de inserção do aluno com necessidades especiais, garantindo-lhe melhor efetividade educacional. Não se trata de reformar a educação especial, mas de buscar a unificação do sistema educacional, para que todos os alunos tenham educação de qualidade, mediante um único modelo e enfoque: a escola inclusiva. Partindo do pressuposto de que todos os alunos podem ter necessidades educacionais, o modelo implica o

reconhecimento de que cada aprendiz é um indivíduo singular e que serviços de apoio, bem como atuação colaborativa entre docentes devem ser propiciados para responder às suas necessidades particulares.

As pessoas com necessidades educacionais especiais são cidadãs como quaisquer outras, possuidoras dos mesmos direitos e com as mesmas regalias quanto às oportunidades disponíveis na sociedade, independentemente do tipo de deficiência e do grau de comprometimento que apresentem. A pessoa com deficiência tem direito ao convívio não segregado e ao ingresso e acesso imediato aos recursos disponíveis e facilitados aos demais cidadãos. É importante que se aprofunde cada vez mais nesse tema buscando respostas referentes ao contexto atual da inclusão nas escolas e ao mesmo tempo propondo estratégias lógicas dentro e fora da sala de aula.

Por fim concluímos dizendo que a inclusão Social não é um processo que envolva somente um lado, mas abrange duas direções, envolvendo atuação junto à pessoa com necessidades educacionais especiais e atos junto à sociedade.

Na próxima seção discutiremos sobre desenvolvimento humano à luz da perspectiva histórico cultural, uma parte do conteúdo da minha pesquisa que poderá mostrar vários entendimentos do desenvolvimento humano, ajudando a entender a situação dos deficientes físicos.

## **2.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO À LUZ DA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL**

Neste estudo monográfico ao falar de aprendizagem e desenvolvimento humano optamos por trazer contribuições de Vigotsky, pesquisador que enfatizava a importância do processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central era aquisição de conhecimentos pela interação entre sujeitos. Vygotsky buscava, em seus estudos, a síntese do homem como ser biológico, histórico e social. Ele sempre considerou o homem inserido na sociedade em um dado momento histórico, sendo assim, sua abordagem sempre foi orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com ênfase da dimensão sócio-histórica e na interação do homem com o outro no espaço social. Sua abordagem sócio interacionista buscava

caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo. (RABELLO e PASSOS, 2001). Segundo Vygotsky (1996) o desenvolvimento cultural do homem cultural é complexo pois envolve sua evolução biológica; a evolução histórico-cultural, que é transformação da história da nossa espécie; e a constituição individual.

Conforme Rego (1995), Vygotsky sugere que é pela mediação que o indivíduo se relaciona com o meio em que vive, pois, enquanto sujeito do conhecimento, ele não tem acesso direto aos objetos que o cerca, mas apenas, a sistemas simbólicos que mostram a realidade. É por meio dos signos, da palavra, dos instrumentos que acontece o contato com a cultura. Sob essa visão, a linguagem é o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Ela constitui um sistema simbólico, elaborado no andamento da história social do homem, que organiza os signos em estruturas complexas permitindo, por exemplo, nomear objetos, destacar suas qualidades e estabelecer relações entre os próprios objetos.

De acordo com Pino (1991), a linguagem atua como instrumento que faz a mediação porque se inclui na categoria de instrumentos mediadores e sistemas de signos cujo uso faz com que o sujeito se transforme e conheça o mundo, trocar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas.

Para concluir, podemos perceber que o sujeito, conforme indica Werner (2001), é definido com um ser social, feito por relações culturais e históricas criadas numa relação dialética entre o biológico e o social. Esta relação do sujeito com o mundo, no entanto, se dá por meio da mediação de um outro sujeito, num movimento conduzido pela aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento das funções psíquicas especificamente humanas. No próximo tópico abordaremos a questão da inclusão escolar e seus desafios no cotidiano.

### **2.3 INCLUSÃO ESCOLAR E SEUS DESAFIOS**

Como temos visto ao longo do texto, a realidade brasileira mudou bastante para as pessoas com deficiência desde os primeiros tempos. Agora não são tão passivas e

dependentes da caridade e da voz do outro. O direito garantido em lei de participar dos mesmos ambientes que as demais pessoas e, sobretudo, o direito de participar de uma escola comum tem propiciado uma mudança na forma de pensar das pessoas com deficiência, que agora reconhecem os próprios direitos e deveres, e buscam meios para eles sejam cumpridos. (MAIOR, 2012).

O Brasil dispõe de um arcabouço variado em sua legislação que preconiza garantias de direitos aos diversos grupos que se encontram em processo discriminatórios em várias instâncias da sociedade: negros, mulheres, idosos, indígenas, pessoas com orientação sexual não hegemônica, pessoas com deficiência, dentre outros. A escola é um dos espaços no qual estas políticas vêm ganhando força, especialmente no caso de alunos com algum tipo de deficiência. Mas há muito a ser feito, cabendo vontade política e constante mobilização social para que as diversas leis e orientações cumpram-se de modo satisfatório.

Sasaki (1999), a inclusão social é caracterizada como um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir pessoas com necessidades especiais, ao mesmo tempo, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. Portanto, a inclusão se constitui em “um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos” (174). Nessa mesma linha deve seguir a inclusão escolar. A escola deve se preparar para atender às diferentes necessidades de seus alunos com ou sem deficiências.

A construção de uma sociedade inclusiva é um processo de fundamental importância para o desenvolvimento e a manutenção de um Estado democrático. Por isso que se entende por inclusão a garantia, a todas as pessoas, do acesso contínuo a vida em sociedade, orientada por relações de acolhimento a diversidade humana e do esforço coletivo na equiparação de oportunidades.

Nesse sentido, é importante frisar que a nossa sociedade de forma geral busca da melhor forma possível inserir esse aluno no ambiente escolar, mas, acima de tudo, com qualidade e esforço para desenvolvimento de uma sociedade mais justa, que observa e prima pela construção de uma educação inclusiva de qualidade, e que busca a melhor forma de reconhecer a capacidade dos alunos, independentemente de suas singularidades. Buscar meios para adequar ambientes e transformar formas de pensar,

reconhecer potencialidades e desenvolvimentos são condições essenciais para a construção de uma escola e uma sociedade verdadeiramente inclusivas.

Assim, é preciso, dentre outras ações, que a formação inicial do professor leve em consideração diferentes aspectos do desenvolvimento humano, de forma a compreender a deficiência como uma das possibilidades nesse processo. Além disso, a formação continuada do profissional da educação deve oportunizar o acesso ao conhecimento relativo às relações humanas e às dificuldades relacionadas ao contato com aquele que manifesta diferenças em seu desenvolvimento e no jeito de aprender.

Os seres humanos agem de diferentes formas diante do novo, do desconhecido, podendo muitas vezes responder com práticas de preconceito. E o ambiente escolar, como parte do contexto social mais amplo, não está isento de concepções historicamente construídas que levam a visões deturpadas e práticas divergentes daquelas esperadas de uma proposta de educação cidadã e para todos.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivos geral:**

- Identificar e analisar a situação atual de alunos com necessidades especiais em uma escola de Ensino Médio de Cruzeiro do Sul.

#### **3.2 Objetivos específicos:**

- Descrever e analisar o processo de inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar;
- Compreender possíveis dificuldades enfrentadas na inclusão escolar na perspectiva de aluno com deficiência.
- Identificar alternativas que contribuam para a inclusão do aluno com deficiência no contexto escolar.

## **4 METODOLOGIA**

Esta monografia foi construída seguindo as considerações para uma pesquisa do tipo qualitativa, bastante comum em investigações sociais e educacionais.

### **4.1 POR QUE PESQUISAR?**

A finalidade da pesquisa foi construir dados possíveis sobre a compreensão de um aluno sobre o seu contexto de inclusão de forma que os resultados possam contribuir para um melhor atendimento para alunos com baixa visão e outros no ambiente escolar.

### **4.2 POR QUE USAR A PESQUISA QUALITATIVA?**

O presente estudo investigou o processo de inclusão de um aluno com deficiência visual, matriculado em uma turma do segundo ano do ensino fundamental, em uma escola da rede pública de ensino do estado do Acre. Para uma melhor execução desse trabalho escolhemos trabalhar com a pesquisa qualitativa.

Segundo Godoy(1995) algumas das características essenciais de uma pesquisa qualitativa, e que também embasam este trabalho são: a consideração do ambiente como espaço no qual os dados são construídos; o pesquisador como atuando junto ao participante da pesquisa e, por isso, ele também figura como um dos participantes; o processo é o foco e não o resultado. Por isso optamos pela pesquisa qualitativa para a realização desta monografia, acreditando podermos contribuir com a melhor compreensão do processo de inclusão escolar. Trabalhamos com entrevista semiestruturada e observação do contexto escolar.

### **4.3 CONTEXTO DA PESQUISA**

A escola escolhida para a pesquisa está localizada em uma periferia da cidade. Tal instituição possui um bom espaço, contando com mais de 20 salas de aula que permitem a realização diferentes atividades. O seu funcionamento tem a colaboração de

vários funcionários, alguns que adentraram na instituição por meio de concurso público e outros por cargos comissionados.

No total, a escola tem quatro alunos com necessidades educacionais especiais matriculados. São dois alunos com deficiência visual e outros dois com deficiência intelectual. A escola tem uma sala de recursos para atendimento aos alunos com deficiências. A sala de recursos é algo que a instituição deve providenciar para poder assim oferecer uma melhor condição de ensino para esses alunos.

#### **4.4 PARTICIPANTES**

Consideramos que nesta pesquisa existam dois participantes: o próprio pesquisador e um aluno com baixa visão. Mazinho (**nome fictício**) tem 18 anos cursa o terceiro ano do Ensino Médio. O aluno ingressou na escola aos oito anos e desde então estudou apenas em duas escolas.

#### **4.5 MATERIAIS**

Para a construção da pesquisa foram utilizados alguns materiais: gravador de áudio, papel para anotações, caneta e notebook. Este foi utilizado para melhor audição da entrevista gravada, que foi transcrita manualmente.

#### **4.6 INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS**

A entrevista foi realizada por meio de um roteiro semiestruturado, contendo perguntas sobre processo de inclusão e os obstáculos encontrados pelo aluno em seu ambiente de estudo (ver Apêndice 1). Além disso foram realizadas observações livres do contexto.

#### **4.7 PROCEDIMENTOS DE CONTRUÇÃO DE DADOS**

O critério de escolha da instituição de ensino, foi a facilidade de acesso, uma vez que o pesquisador trabalha nela há alguns anos e conhece todos os funcionários. Outro

fator que motivou o interesse do pesquisador por essa escola, especificamente, foi o fato de ela ser bem conhecida na cidade.

A escolha do participante Mazinho se deu em função de o pesquisador, como professor da escola, observar sua determinação no momento de aprender, o que poderia enriquecer a pesquisa com suas narrativas pessoais sobre sua deficiência e o contexto escolar.

Após decidido quem seria o aluno a participar da pesquisa, o pesquisador conversou com ele, explicou o motivo da pesquisa e perguntou se ele gostaria de participar. Mazinho respondeu prontamente, muito provavelmente devido à boa relação entre professor e aluno, que facilitou o processo de diálogo. O passo seguinte foi falar com o seu responsável, que autorizou a entrevista com ele.

Foram realizados dois momentos de entrevista com o participante. No primeiro foram feitas todas as questões propostas no roteiro de entrevista, que foram transcritas e, então, feita uma primeira tentativa de análise. Ao observar que algumas respostas não estavam suficientemente aprofundadas, o pesquisador voltou ao campo após combinado com o aluno. No segundo momento de entrevista, foram apenas aprofundamos respostas que não tinham ficado claras. As entrevistas com o estudante aconteceram no mês de outubro de 2015. Para esse fim utilizamos a sala de informática, no horário do intervalo, em turno contrário ao que o aluno estudava.

Paralelamente foram realizadas observações do ambiente escolar que pudessem nos ajudar a compreender melhor o processo de inclusão, especialmente do aluno com deficiência visual naquele contexto.

A pesquisa foi realizada respeitando todos os padrões éticos indicados no curso. Para isso o pesquisador solicitou autorização da instituição na qual Mazinho estuda, assim como colheu a sua assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O consentimento do responsável foi apenas oral, visto que Mazinho é maior de idade e não tem nenhum impedimento legal.

#### **4.8 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS**

A análise foi do tipo interpretativa, onde o pesquisador buscou relacionar as falas do participante ao estudo teórico previamente realizado no processo de construção

da monografia. A primeira entrevista foi transcrita pelo pesquisador e lida diversas vezes até que se pensasse em uma forma de organizar os dados. A partir dos objetivos, decidiu-se por agrupar em temas referentes aos mesmos. A análise foi iniciada, mas logo surgiu a necessidade de conversar mais um pouco com o participante. Após a segunda entrevista, que também foi transcrita pelo pesquisador, prosseguiu-se com a análise e a discussão dos dados.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste capítulo analisaremos os resultados das entrevistas feitas com Mazinho. Os resultados construídos são apresentados nesse capítulo e estão dispostos em quatro temas: concepções sobre a inclusão, indicadores de inclusão, dificuldades no processo de inclusão e alternativas para a inclusão de alunos com baixa visão.

### **5.1 CONCEPÇÕES SOBRE A INCLUSÃO**

*Inclusão educacional é aceitar todas as pessoas na escola independentemente de qualquer coisa. (Mazinho)*

Foi assim que Mazinho definiu a inclusão na escola. Sua resposta demonstra uma compreensão clara do processo, tal como é preconizado nas leis e na visão teórica dos estudiosos da inclusão, como no capítulo de fundamentação. “*Aceitar todas as pessoas*” significa não discriminar ou deixar alguém para trás e aí estão incluídas as pessoas com deficiência. Sua resposta, apesar de curta e objetiva, consegue sintetizar o pensamento atual sobre inclusão (BRASIL, 2001; UNESCO, 1994).

*Minha história escolar foi boa, sempre fui um aluno bom, nunca dei trabalho para os professores. (Mazinho)*

Ao fazer essa declaração, Mazinho demonstra que de forma geral, a sua vida escolar foi tranquila. Não se sentiu discriminado em razão de sua deficiência. Do seu ponto de vista “*sempre fui um bom aluno, nunca dei trabalho*”, pode indicar que não se percebeu dando trabalho, ou seja, o cotidiano escolar acontecia de forma natural. O ser

bom aluno pode dizer respeito tanto ao fato de ter bom comportamento, quanto de conseguir acompanhar o conteúdo previsto. Mazinho, em sua fala demonstra que se sentiu incluído em seu cotidiano. E complementa com a seguinte resposta:

*Eu tive facilidade por parte dos professores e dos amigos que me tratam com respeito. Acredito que se não fosse o respeito e paciência de todos da sala eu já teria desistido. Quando você não tem incentivo para enfrentar os desafios fica mais difícil de vencê-los. (Mazinho)*

Mazinho dá indícios, nessa fala, que a deficiência gera algum tipo de desconforto. Mas reconhece o apoio recebido por parte dos professores e colegas. “Respeito e paciência” parecem ser o ponto chave em sua interação na escola. São aspectos que o estimulam a seguir o caminho escolar.

É possível perceber, nesse trecho da entrevista de Mazinho, o quanto a situação das pessoas com deficiência visual mudou. Não se pode dizer que o preconceito tenha acabado, mas já não é tão intenso quanto no passado para com essas pessoas. Temos que levar em conta que o fato de ter pessoas por perto apoiando os alunos com deficiência é muito importante para o processo de desenvolvimento, principalmente quando se está em um ambiente de aprendizagem, como é o caso da escola. Quando os alunos com deficiência não possuem nenhum tipo de apoio a situação dos mesmos fica mais difícil.

Mazinho demonstra uma compreensão adequada do que seja inclusão e, ainda, que se sente incluído em seu ambiente escolar. Então vejamos o que mais Mazinho nos indica como sendo inclusão em sua escola.

## **5.2 INDICADORES DE INCLUSÃO**

Ao ser perguntado se em sua escola havia algum aluno com necessidade especial, Mazinho respondeu:

*Sim, um aluno com deficiência intelectual. O mesmo possui dificuldade para entender o que o professor fala e escreve. Acredito que o caso desse estudante é mais grave do que o meu,*

*ainda em uma escola na qual não temos um apoio especializado para os deficientes físicos. (Mazinho)*

Mazinho parece que se exclui da resposta quando diz “*Sim, um aluno com deficiência intelectual*”. A sua justificativa está baseada na compreensão de que a necessidade especial tem a ver com a dificuldade de entender o professor. O pensamento de Mazinho não está errado, pois tratando-se de um ambiente de escola o que se espera é que o aluno compreenda o que está sendo tratado na sala de aula. No primeiro momento ele não se coloca como um aluno que tenha algum tipo de necessidade especial, mas depois acrescenta que o colega com deficiência intelectual tenha mais dificuldade que ele, colocando-se também na condição de um aluno com necessidades educacionais especiais.

Mazinho também faz uma curiosa observação, ao dizer que na escola não tem apoio especializado aos alunos com deficiência física. Nesse momento ele termina fazendo uma avaliação da escola quanto à necessidade de estar adaptada aos alunos com essa deficiência. Foi possível perceber durante as conversas fora do espaço de entrevista, que Mazinho considera a sua deficiência visual, também como deficiência física e, nesse caso, a crítica à escola está relacionada também à necessidade de um acompanhamento específico para ele.

O pesquisador percebe, em suas observações gerais, que a escola tem se mobilizado para atender os alunos em suas necessidades, mas ainda faltam alguns recursos, como um ambiente sinalizado com marcações no chão ou nas paredes para facilitar a locomoção daqueles que têm deficiência visual. No momento existem apenas corrimões. A escola oferece sala de recursos e o aluno é atendido lá em seu horário de aula mesmo, uma vez por semana ou quando o professor solicita. No entanto, como próprio aluno descreve, ainda que sente falta de um apoio especializado. Possivelmente ele esteja falando da carência de recursos específicos percebida em nossas observações.

### **5.3 DIFICULDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO**

Como sabemos esse é um tema discutido no mundo inteiro. Acreditamos que cada escola e cada estudante atualmente têm seus próprios desafios quando se trata de

inclusão. Com Mazinho não é diferente. Ele tem suas dificuldades por não ver as letras menores

*Poderia ser diferente, fazendo com que o professor ajudasse mais e acredito que não é culpa do professor, mas das forças governantes que não oferecem oportunidades de capacitação para que o docente da área de inclusão possa fazer um trabalho digno. (Mazinho)*

Quando o Mazinho fala que o professor tem que ajudar mais, não parece dizer que exista falta de vontade do professor, mas sim, que os conhecimentos específicos para lidar com a inclusão são escassos. Durante a entrevista Mazinho se mostrou atento ao fato de os professores não receberem uma capacitação específica com alunos com deficiência. Acredito que essa seja uma das dificuldades do processo de inclusão na escola em questão. O interessante é que Mazinho possui consciência das dificuldades dos docentes na inclusão e que as forças governantes devem intervir e mostrar alternativas para que esses profissionais consigam se capacitar.

De acordo com Bueno (1999), dentro das atuais condições da educação brasileira, não há como incluir alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular sem apoio especializado, que ofereça aos professores dessas classes, orientação e assistência. O fato de o professor não ter capacitação específica, especialmente, no caso do aluno com baixa visão ou do aluno cego, pode implicar em um atendimento deficitário à demanda. O mesmo podemos dizer em relação a outras deficiências.

Outra dificuldade narrada por Mazinho é o fato de estudar algumas disciplinas que envolvem números. Essa é uma situação difícil para os seus estudos. Quando perguntado se havia alguma dificuldade em relação às disciplinas cursadas, ele respondeu:

*Matemática e química porque envolve números e muitas vezes os professores copiam no quadro e eu não consigo visualizar os números. O fato também de serem disciplinas que envolvem números dificultam muito pra mim. (Mazinho)*

Mazinho fala de um fato concreto. Se ele tem baixa visão, algumas estratégias precisam ser utilizadas no cotidiano em sala de aula. Uma vez identificada a sua dificuldade para enxergar número à distância do quadro, deve-se procurar outras possibilidades para que o número se torne visível e compreensível para o aluno.

Não se pode ignorar, pedagogicamente falando, a presença do aluno em sala de aula. Não estamos falando aqui dizendo que os professores o destratem ou manifestem algum tipo de preconceito. Não é isso. Mas é tão somente a constatação de um sinal de alerta feito pelo aluno. Muitas vezes o professor não se dá conta de que pequenas mudanças no cotidiano podem ajudar significativamente, como por exemplo trazer as atividades ou as explicações impressas em tamanho grande, ou se houver a disponibilidade do recurso, possibilitar ao aluno o uso de computador na sala de forma que ele possa ver de tamanho ampliado números e outros caracteres difíceis de serem visualizados. Em nosso comentário já iniciamos o próximo tópico, que são as alternativas.

#### **5.4 ALTERNATIVAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO**

O aluno Mazinho citou durante a entrevista alguns materiais que poderiam ajudá-lo na melhora do seu aprendizado. Relembrando que a sua principal dificuldade é exatamente não poder ver símbolos pequenos, logo deveria existir algum tipo de alternativa que pudesse ajudá-lo. Quando questionado sobre apoios ou recursos que a escola poderia utilizar para melhorar sua aprendizagem ele respondeu:

*Poderia utilizar livros apoiadores. (Mazinho)*

Quando Mazinho cita livros apoiadores ele quer dizer livros com letras maiores para ele possa enxergar. Como sabemos o livro didático atual vem com letras com tamanho uniforme para alunos que não possuem problemas na visão. Aqueles alunos que têm baixa visão como é o caso de Mazinho ficam excluídos.

*Os livros apoiadores. Quando eu digo livros apoiadores são materiais que possuem uma letra maior e que eu consiga aprender com mais eficiência. Acredito que o livro apoiador seja também aquele que tenha as imagens maiores, para que eu possa entender tudo de uma forma geral. Não adianta entender*

*a leitura e não entender o conjunto da obra que as vezes inclui imagens. (Mazinho)*

A visão de Mazinho se mostra bem interessante quando ele tenta definir livros apoiadores. Ele mostra que o livro deve ser apoiador em todos os sentidos, pois não adianta nada ajudar em um aspecto e ser prejudicial em outro no caso das letras e das imagens.

Assim, existem alternativas que a escola como um todo, e cada professor em particular, tem que procurar para sanar essa dificuldade e “os livros apoiadores” ou livros de apoio são uma boa sugestão. Mas conforme afirmam Sá, Campos e Silva (2007, p. 26), “a predominância de recursos didáticos eminentemente visuais ocasiona uma visão fragmentada da realidade e desvia o foco de interesse e de motivação dos alunos cegos e com baixa visão”. É necessário que os professores, em suas diversas disciplinas, assumam o compromisso de buscar outros meios que possam complementar o texto escrito, como por exemplo, o uso de materiais concretos, nos quais o aluno possa utilizar o tato, o olfato, o paladar e audição como sentidos auxiliares. Quando perguntado sobre as disciplinas nas quais tem mais facilidade, Mazinho respondeu:

*Biologia, Português, Geografia, História, e Espanhol, Inglês, Sociologia, Filosofia e Arte. Acredito que nessas disciplinas eu não tenho tanta dificuldade por serem disciplinas que mostram muitas imagens, principalmente Artes que trabalha com obras e que chama mais a minha atenção. (Mazinho)*

Com a narração anterior podemos supor que o Mazinho consegue se adaptar bem melhor quando tem contato com disciplinas mais visuais, pois a deficiência do mesmo consegue ser deixada de lado pelo de fato poder entender o que está sendo apresentado na sala de aula. Essas disciplinas que envolvem imagens poderiam ser contextualizadas de uma melhor forma para favorecer o aprendizado dessas pessoas que possuem baixa visão. Mazinho foi questionado quanto à necessidade de apoios especiais em razão de sua baixa visão, ao que ele relatou:

*Sim. A régua para poder assim marcar as partes lidas e não lidas. A régua me ajuda em vários outros aspectos inclusive no de visualização. Existe algumas régua que ampliam o*

*tamanho da letra como se fosse uma lupa, aqui na escola que eu estudo tem uma e eu sempre peço para usar. (Mazinho)*

É interessante observar que mesmo Mazinho dizendo inicialmente que a escola é carente de recursos, ainda assim ela reconhece que alguns deles existem na escola e estão à sua disposição. Ele conseguiu uma ferramenta importantíssima para dar continuidade aos seus estudos e esse material foi exatamente a régua que o ajudou a desenvolver suas atividades de uma maneira melhor. A régua que aparece na fala de Mazinho é uma das excelentes alternativas para os estudantes de baixa visão. Mas, de forma perspicaz, ele não se contenta e visualiza a possibilidade de a escola conseguir outros recursos que facilitem a sua melhor inclusão no contexto de aprendizagem em sala de aula. Ao ser questionado sobre as formas como a escola o apóia em suas necessidades específicas, ele comenta:

*Oferecendo material de apoio, como por exemplo a régua, mas reconheço que a escola não tem recursos suficientes para me atender. Como sou deficiente visual a escola poderia disponibilizar uma lupa eletrônica, fazendo assim com que eu enxergasse melhor as letras. (Mazinho)*

Com essa fala de Mazinho pode-se perceber tem uma mente aberta quanto as *deficiências da escola* em que estuda, pois percebe todos os problemas e sabe os equipamentos que pode ajudá-lo na sua aprendizagem. Acreditamos que a lupa eletrônica deveria ser um equipamento disponibilizados para todos os deficientes visuais, pois tem uma importância significativa na aprendizagem dos alunos com baixa visão.

No decorrer da entrevista Mazinho sempre se mostrou o tempo inteiro otimista em conhecer materiais que o ajudasse a melhorar seu aprendizado. Ele demonstra esperança por novos métodos de ensino que facilitem a aprendizagem do aluno com deficiência visual, não só por ele mais por todos que possuem a mesma deficiência. Na seção seguinte seguem as nossas considerações sobre a realização desta pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal contribuição desse estudo foi a reflexão sobre a inclusão na escola a partir da compreensão de um aluno com baixa visão, estudante no Ensino Médio. Observamos que existem desafios tais como falta de equipamentos; necessidade de formação continuada para professores, de forma a subsidiá-los no fazer pedagógico inclusivo; necessidade de mudança nos aspectos físicos da escola; necessidade de investimentos em novas metodologias que atendam a dificuldades específicas dos alunos com deficiência.

Mas não foram apenas dificuldades. As narrativas do participante, associadas às observações do pesquisador, que também é membro daquele grupo, demonstraram que a escola busca alternativas de inclusão: dispõe de ambiente especialmente para atender alunos com deficiência; disponibiliza professor para esta atividade; começou a organizar o seu espaço colocando corrimões para facilitar o acesso; disponibiliza ao aluno alguns recursos e materiais para que possa minimizar suas dificuldades. Mas o que mais chamou-nos a atenção foi a fala inicial do participante quanto ao respeito que ele sente por parte dos professores e dos colegas. Esse é um passo essencial no processo de inclusão. Sem respeito não é possível nenhum processo de educação, especialmente quando passamos a considerar a importância de um grupo diverso de pessoas compartilhando o mesmo ambiente e atividades.

Diante das dificuldades e possibilidades apresentadas gostaríamos de ressaltar o trabalho heróico dos professores, que cotidianamente trabalham com a inclusão nas escolas. Esse é um processo em construção e cada dia é um aprendizado. Não há receita pronta, mas deve haver disponibilidade e disposição para conhecer, para tentar, para compartilhar experiências.

Os dados nos mostraram que ainda existem muitas dificuldades no ambiente esperado para uma escola inclusiva. Dessa maneira pretendo continuar minhas pesquisas mostrando alternativas para melhorar cada vez mais a vida desses estudantes, principalmente daqueles com deficiência visual. Para futuras pesquisas sugerimos a continuação do tema abordado, porém com maior ênfase em questão de políticas públicas para mais investimentos na produção de materiais didáticos e recursos diferenciados que facilitem ao aluno com deficiência visual o acesso ao conteúdo.

A pesquisa estimulou no pesquisador o desejo de continuar estudando a inclusão das pessoas com deficiência visual, especialmente no processo educacional, buscando

compreender desafios e diagnosticar as práticas que estão sendo adotadas no Brasil. Para finalizar, desejamos que esta monografia possa vir a contribuir na vida das pessoas com deficiência visual que tentam se qualificar por meio do ensino regular, ajudando-os a mostrar as principais dificuldades existentes atualmente.

## REFERENCIAS

- BUENO, J. G. S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.03, n.05, p.07-25, 1999, ISSN 1413-6538.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2007.
- BRASIL. Presidência da República. *Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência*. Decreto nº 3.956 de 08 outubro de 2001.
- BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.
- CAMARGO, Orson. "Desigualdade social"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/sociologia/classes-sociais.htm>>. Acesso em 05 de novembro de 2015
- CARVALHO, Erenice Natália Soares. *Interação entre pares na educação infantil: exclusão-inclusão de crianças com deficiência intelectual*. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- COSTA, Laurinda do Nascimento. A inclusão escolar de uma aluno com síndrome de down: um estudo de caso. Disponível em [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2456/1/2011\\_LaurindadoNascimentoCosta.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2456/1/2011_LaurindadoNascimentoCosta.pdf), 2011. Acesso em 19 de Outubro de 2015.
- DUTRA, Claudia Pereira et al. política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, 2008.
- FIGUEIRA, Emílio. Caminhando em silêncio: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil. São Paulo: Giz Editorial, 2008.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.
- GARCIA, Vinicius Gaspar. As pessoas com deficiência na história do Brasil. Disponível em <http://www.bengalalegal.com/pcd-brasil>, 2011. Acesso em 18 de Outubro de 2015.

MACHADO, Cauê Fraga e DORNELLES, Rodrigo, Ciconet. Deficiência ou diferença: o estigma como produtor de desigualdades no mundo do trabalho. *Sociedade em Estudos*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 114-124, 2007.

MAIOR, Isabel de Loureiro. 2012. A Inclusão das Pessoas com Deficiência é uma obrigação do Estado brasileiro. Brasília: Autor.

MAGALHÃES, Mrech. 2001. Educação Inclusiva: Realidade ou Utopia? São Paulo, 2001.

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vigotski e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos Cedes*, Campinas, n. 24, pp. 32-43, mar. 1991.

PESSOTTI, I. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> acesso em 03 de Outubro de 2015.

REGO, T. C. Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

RIBAS, João Baptista Cintra. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Necessidades Educativas Especiais – NEE* In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

SASSAKI, Romeu Kasumi. *Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999, 174p.

SÁ, Elizabet Dias; CAMPOS, Izilda Maria; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. *Atendimento Educacional Especializado – deficiência visual*. Brasília: MEC, 2007.

SANTOS, Cáritas Vanucci Batista, *Inclusão do DV: uma breve reflexão*. GERIR, Salvador, v. 10, n. 40, pp. 05-09, nov./dez. 2004

SOUZA, Joao Roberto. 2010. Fatores responsáveis pela exclusão dentro do modelo atual de inclusão escolar. São Paulo: Revista Pandora Brasil.

SILVA, Otto Marques. *A História da Pessoa Deficiente no Mundo de Ontem e de Hoje*. 1987.

Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação Para o Século XXI. Brasília, DF: Unesco, 1998.

VYGOTSKY, L. S. 1996. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

WERNER, Jairo. Saúde e educação: desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

## APÊNDICES

### **A - Roteiro de entrevista semiestruturada**

- 1 Com quantos anos você entrou na escola?
- 2 Em quantas escolas você estudou?
- 3 Fale para min sobre a sua história escolar?
- 4 Quais as maiores dificuldades enfrentadas por você na sua vida estudantil?
- 5 E as facilidades?
- 6 Você já ouviu falar sobre a inclusão educacional?
- 7 O que é inclusão educacional para você?
- 8 O que você observa como ações inclusivas dentro da sua escola?
- 9 Qual é a sua necessidade especial? Fale sobre esta necessidade.
- 10 Você acha que baixa visão atrapalha em alguma coisa na sua aprendizagem na escola?
- 11 Você já necessitou ou necessita de algum tipo de apoio especial por causa da sua baixa visão?
- 12 Quais seriam estes apoios?
- 13 De que forma a escola se organiza para minimizar as dificuldades?
- 14 Quais outros apoios ou recursos que escola poderia utilizar para colaborar com a sua aprendizagem escolar?
- 15 Em quais disciplinas você acha que tem mais dificuldade em razão de sua baixa visão?
- 16 E em quais disciplinas você acha que tem menos dificuldades?
- 17 Como você percebe que os professores te auxiliam em suas dificuldades?
- 18 Você sofreu algum tipo de discriminação em relação a sua baixa visão. Em caso afirmativo fale sobre isso.
- 19 Na escola existem outros alunos com algum tipo de necessidade educacional especial? Qual?
- 20 Você acha que o processo de inclusão está adequado a eles ou algo poderia ser diferente?
- 21 Quais as sugestões que você daria para a sua escola ou para a secretaria de educação sobre o processo de inclusão em sua escola?
- 22 Você gostaria de falar mais alguma coisa?

## ANEXOS



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS  
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

### A - Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*), da \_\_\_\_\_ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da \_\_\_\_\_ pesquisa

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ responsabilidade do(a) \_\_\_\_\_ pesquisador(a) \_\_\_\_\_, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. \_\_\_\_\_.

O estudo envolve a realização de \_\_\_\_\_ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento \_\_\_\_\_ (*local na instituição a ser pesquisado*) com \_\_\_\_\_ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de \_\_\_\_\_ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em \_\_\_\_\_ e término em \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*), \_\_\_\_\_ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (data).

\_\_\_\_\_  
Nome do (a) responsável pela instituição

\_\_\_\_\_  
Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição



---

**Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Polo:** \_\_\_\_\_

**Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a)** \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

### **B - Carta de Apresentação**

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V.S.<sup>a</sup> o(a)cursista pós-graduando(a)

\_\_\_\_\_ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como conseqüência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Coordenador(a) do Pólo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diva Albuquerque Maciel**



---

## C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_ . Assim, gostaria de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_ (explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.)

Esclareço que a participação de seu(sua) filho(a) no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (explicitar instrumentos de coleta de dados), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pai/Responsável pelo Aluno

Nome do Pai/Responsável: \_\_\_\_\_

Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_